

4ª PARTE

Discursos

DISCURSO DE POSSE(*)

José Costa Matos

Não venho dizer que o meu encontro com a Academia foi, para mim, uma experiência de apaziguamento interior. Prezo esta superstição: cada casa tem uma alma. Não falam os modernos tratados de administração na cultura da empresa, na cultura de cada órgão público? Com quase um século de atividades, a Academia Cearense de Letras veio recebendo vibrações espirituais de tantos sabedores do “fenômeno humano”, que, hoje, é uma instituição de grande alma estranha. Esfinge a exigir decifração. E quem entra aqui é permeabilizado por um aliciamento para a meditação, para as minerações do mistério da vida.

E eu...

Desde muito longe, sedimentaram-se em mim vivências sem promessas de triunfos literários. Filho do comerciante Sebastião Gomes de Matos, o homem mais rico do município de Ipueiras, ninguém explicou ao órfão de Dona Teresa Alves da Costa por que ele foi criado numa casa de taipa da desaparecida Rua dos Ourives, sob o comando firme de Dona Camila Quitéria de Miranda, analfabeta, mas competente para se harmonizar com o marido, que, para mim, era o Vevê da mercearia de enormes vazios nas prateleiras.

Comíamos pirão de feijão com toucinho, porque as galinhas do terreiro eram vendidas para a mesa das famílias mais endinheiradas. Meu pai, viúvo, morava só. Assava carne ao fogo aceso num prato de álcool. Nunca mais vi alguém assar carne por aquele processo. Muitas noites o visitei. Levava até alguma fome, mas sem vocação para comer carne embriagada de álcool. Na banda de música de meu avô, o trombone de Mané Pedação tinha aquele hábito. E eu engulhava com a carne assada por meu pai.

(*) Pronunciado na noite de 10 de dezembro de 1992, em sessão solene, realizada na sede da Academia Cearense de Letras (Palácio da Luz, Rua do Rosário, nº 1).

Ficou o mistério da minha residência na casa de taipa da Rua dos Ourives. Fiz esforços proustianos para resgatar esse passado. Madrinha Juliana Preta, ama-seca de minha mãe, enviava para longe o olhar acinzentado pela idade e não respondia às minhas indagações. Também não tinha muita precisão testemunhal. Disse-me que eu nascera em setembro. Quando precisei da primeira certidão de idade, fui ao cartório e lá estava o meu nascimento em outubro. Dois signos. Fiquei desnorteante para os astrólogos.

Meus cinco irmãos eram quase nômades na criação de meu avô. Meses de chuva nas fazendas do sertão. Meses de seca nas moagens de cana na Serra da Ibiapaba. Quase não nos víamos. Companheiros, eu os tinha nos moleques do Morro do Papouco, na negrada suja da Rua de Baixo.

Até entrar para as aulas de catecismo de Dona Laura, o que foi, para mim, uma promoção social, se eu aparecesse na Rua de Cima, as mães chamavam os filhos e os trancavam em casa. Crianças defumadas por muitos incensos de igreja não podiam brincar com aqueles poucos palmos de menino perdido, sujeito que presenciava a libertinagem da Rua do Fogoso e filava a farinha de pipoca de Cesário Capeta. Durante esses jantares, o dono da casa contava suas viagens ao inferno, com realismos cinematográficos que inferiorizariam Dante Alighieri. Cesário Capeta, o cosmonauta do "delirium tremens".

Desde muito longe, sedimentaram-se em mim vivências sem promessas de triunfos literários.

Veio o tempo de agriculturas e pecuárias. Ceias de queijo com farinha seca na cuia, sob a fumaça da lamparina a querosene. Eu não passava sem rapadura. Quando João Miranda me hospedava, na fazenda do Recanto, mandava alguém muito longe para comprar a minha rapadura. Tinha que ser amarelinha, seca. Eu repudiava rapadura encerada, silenciosa no dente. Exigia qualidades. Sempre queria requintes.

— Este cumpade Zé, isto é cheio de terra!

Acredito que ainda hoje sou cheio de terra, tal como João Miranda me conheceu.

Aprendi a curar bicheiras das vacas a distância. Bastava identificar um rastro da rês doente. Apanhava uma pedra. Sentava-a sobre o rastro, sobre a mesma face antes fincada no chão. E rezava. No dia seguinte, a ferida estava enxuta. E eu glorioso e triunfante no meio dos vaqueiros, meus primeiros heróis.

As plantações cresciam. Faltavam chuvas. As lagartas apareciam, rendilhando as folhas. Havia a reza de cercar o terreno, exceto num corredor de dois metros de largura, para a saída das lagartas. lam-se embora numa única noite.

Nas correrias a cavalo, alguém podia ferir-se. Sangue. Tomava-se sangue de palavra. “Sangue, põe-te em ti, como Nosso Senhor Jesus Cristo pôs-se em si. Sangue, põe-te nas veias, como Nosso Senhor Jesus Cristo pôs-se em sua santa ceia”. Estancava-se a sangria.

Nos anos de seca, a minha meninice tinha insônias com as profecias do fim do mundo. Por ter sido malvada com os escravos, e já agora no seu túmulo, a dona da fazenda do São Felix estava criando penas. Quando ela voasse, o mundo se acabaria. Miúdo, careca, mascando fumo e alargando poças de saliva amarela na calçada, Antônio Té-logo era o nosso João de Patmos de freqüentes Apocalipses. Engraxava sapatos e fazia a exposição do fim de tudo.

— Desta vez, quem duvidar vai-se arrepender! Primeiro, três dias de escuridão. Luz, só de vela benta, acesa com fósforo virgem. Depois, uma estrela passa pela Terra e queima tudo. Desta vez, mundiça ruim, estão dizendo que a estrela é Melcuro!

Mano Eurípedes chegou de seu curso de engenharia nos Estados Unidos. Queria mudar o meu destino de vaqueiro. Foi à casinha da Rua dos Ourives. Minha mãe adotiva ia escutar despropósitos.

— Camila, o José já mudou a fala. Lê muitos livros, mas precisa estudar em colégio. Ele não diz o que deseja ser?

— No começo, celebrava missas. Sem se confessar, a molecada comungava retalhos de bolacha, fornecidos ainda cruz pelo Jaime Padeiro. Seu Sebastião viu aquilo e se animou: um padre na família é outra coisa. Falou no seminário de Sobral. Aí, o José deixou de rezar missas. Deu a batina e os paramentos ao filho da Maria Tei-Tei. Também, Oripe, o negro já andava com as vergonhas de fora!

— E agora?

— Agora, ele podia ser um Juiz de Direito. Podia ser um doutor de salvar mulher mal parideira nesses buracos de serra. Mas diz que vai ser poeta...

— Poeta, Camila?

— Pois é. O pior “ufiço”! O que a gente sabe de poeta é um bicho que vive arriba e abaixo, agarrado com uma viola. Como o Anselmo, como o Vêi Zuca-do-Oi-Só. O pior “ufiço”!

Desde muito longe, sedimentaram-se em mim vivências sem promessas de triunfos literários...

Por isso, a premonição daquela tarde de agosto deste ano me assustou. Vinha com a força reveladora de que eu estava na Academia Cearense e Letras. O amigo de freqüências em muitas associações católicas chegou e me comunicou o falecimento de Itamar de Santiago Espíndola. Ainda sem plano definido de candidatura, sentime Acadêmico, amedrontado com o peso de uma responsabilidade a que não podia fugir, porque **SIC VOLVERE PARCAS**. Assim, fiavam as Parcas. Era mais um daqueles comandos do meu Deus, que tantas vezes decide por mim, numa clareza de circunstâncias onde tantas vezes parece-me ver escrito o título de um livro modelador da minha infância: "Sim, Pai".

Estas confissões não encerram uma crença no determinismo. Temos a responsabilidade enorme de ampliar o nosso discernimento, para não nos sentirmos dispensados da ação ou da reação, quando os indicadores contextuais mostrarem a necessidade da nossa intervenção na tecelagem dos acontecimentos.

Mas não devemos repetir o desequilíbrio da juventude nazi-fascista. Para esta, seria perda de tempo seguir os intelectuais, quando a "nova ordem" mundial exigia ações, sem estacionamentos na inutilidade metafísica de avaliar o que é certo e o que é errado. Endossada por Adolf Hitler em "MEIN KAMPF", a "filosofia da manhã" de NIETZSCHE mandava viver com a alegria dos fortes. Sem os efeitos emolientes da reflexão que retarda os resultados. Foi esse fanatismo da ação que incendiou as bibliotecas e perseguiu os intelectuais nos domínios nazi-fascistas.

Muito mais sabedoria está presente no pensamento de Hegel, para quem o processo histórico é também orientado pelas "astúcias" de uma Razão que pode jogar com os homens, no interesse dos objetivos maiores da raça humana. Hegel andou perto de aceitar o providencialismo que atribui a Deus a rota nem sempre retilínea da História.

Estas considerações me acorrem na tentativa de aclarar o meu itinerário até esta noite da Academia, depois de uma eleição em que tive a unanimidade dos votos acadêmicos, depois da saudação de Mozart Soriano Aderaldo, homenagens absolutamente imprevisíveis nas bisbilhotices dos caminhos que me trouxeram até aqui.

Como nem sempre estamos atentos aos rumos que adotamos, forçoso e dar razão a Raul de Leôni, nesta passagem de sua poesia tranqüila:

*“Então, sutis, envolvem-nos ciladas
De pequenos acasos inconstantes
Que vão desviando, a todos os instantes,
A linha leviana das estradas...”*

PAULINO NOGUEIRA

O DICIONÁRIO BIO-BIBLIOGRÁFICO CEARENSE, do Barão de Studart, situa Paulino Nogueira Borges da Fonseca no tempo dos homens. O Patrono da Cadeira 29 desta Academia nasceu a 27 de fevereiro de 1842, em Fortaleza, e, nas palavras do Barão, “colheu-o a morte na madrugada de 15 de junho de 1908”. Assim, estamos no sesquicentenário do nascimento de Paulino Nogueira, que teve 66 anos, 3 meses e 19 dias para imprimir no mundo as múltiplas marcas do seu talento.

Na sua ancestralidade, e como bisavô, está Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca, governador da Capitania do Ceará de 1765 a 1781 e autor da “Nobiliarquia Pernambucana”. Seus pais, Francisco Xavier Nogueira e Maria das Graças Nogueira.

Estudou no Liceu do Ceará e na Faculdade de Direito de Recife, onde se graduou bacharel em 1865. De volta ao Ceará, o governo de Homem de Melo o nomeou Promotor Público de Saboeiro. Daí, saiu para a Secretaria do Governo em cujos quadros foi Oficial Maior. Passou a atuar no Foro. E na imprensa, como colaborador do jornal “Constituição”. Foi secretário dos governos do Ceará e da Bahia. Foi eleito deputado em 1872. Reelegeu-se para a legislatura seguinte, mas a Câmara foi dissolvida pelos liberais e o segundo mandato não se completou.

Na área da educação, foi professor de latim no Liceu do Ceará. Por serviços prestados à instrução primária, recebeu o grau de Cavaleiro da Ordem de Cristo. Foi Delegado Especial do Ensino no Ceará. Deve-se à sua sensibilidade a abolição da palmatória nas escolas.

Em 1885, os conservadores voltaram ao poder. Mas Paulino Nogueira, afastado da política, nem honrarias quis receber. Recusou o título de Barão de São Paulino. Recusou as presidências do Amazonas e de Santa Catarina.

Já na República, foi Desembargador do Tribunal de Relação do Ceará, que hoje é o Tribunal de Justiça. Foi Provedor da Santa Casa de Misericórdia, posto que parece cumprir a predestinação de ser

ocupado por grandes homens e tem agora, mais uma vez, a gratidão do Ceará, pelo trabalho silencioso de Audízio Mosca de Carvalho.

Da vasta bibliografia de Paulino Nogueira ressalta, sobretudo, a figura do historiador. Mesmo no "Vocabulário Indígena, em uso na Província do Ceará", com Explicações Etimológicas, Ortográficas, Topográficas, Históricas, Terapêuticas" etc., há uma convergência de todas as pesquisas para o propósito de fazer História. "Presidentes do Ceará", obra editada em quatro volumes, "Execuções da Pena de Morte no Ceará", "O Padre Francisco Pinto e a Primeira Cataquese dos Índios" e "Execução de Pinto Madeira Perante a História" são trabalhos que credenciam Paulino Nogueira ao reconhecimento do Brasil culto.

Por toda a sua obra, perpassa um forte sentimento de justiça e de verdade. Esteve sempre ocupado em corrigir desvios de outros historiadores, em acentuar os erros judiciários de muitas execuções.

A leitura da obra de Paulino Nogueira daria às novas gerações um amor maior a Fortaleza, pela compreensão do que foram e fizeram aqueles cujos nomes estão nas placas de ruas e praças da cidade, como Costa Barros, Padre Mororó, Padre Ibiapina, Pessoa Anta, Azevedo Bolão, Carapinima, Pinto Madeira, e tantas grandes figuras que não podem ser esquecidas por nós, beneficiários de suas ações e lições de grandeza humana.

Deve ser angustiante o trabalho do historiador. A coleta de documentos, as lacunas entre eles, quando tratam dos mesmos fatos e obrigam o pesquisador a se debruçar sobre o abismo nem sempre transponível. Mesmo assim, há na modernidade uma linha de pensamento que pretende reescrever a História. A que temos não teria sido escrita com isenção. Isto é necessário, quando se encontram documentos mais completos. E só agora os homens estão capazes da crítica isenta? Chegaram a um domínio perfeito de suas paixões, idiossincrasias e interesses ideológicos? Esta incompetência humana para a isenção absoluta é e será um dos problemas maiores da historiografia. Por aí, continua inevitável aquela "tristeza do historiador", frase inventada para justificar os relativismos dos andarilhos do passado.

Fico a imaginar a reação de Paulino Nogueira diante daqueles que lhe atribuísem a distorção dos fatos pesquisados, ele que tanto zelo manifestou pela verdade histórica. E que diria, como cristão e buscador do Absoluto, que diria do americano Francis Fukuyama, para quem a democracia liberal encerra as tentativas de aperfeiço-

amento, na arrumação da vida humana neste planeta? Ficaria talvez espantado com o aparelho promocional por trás do livro "O Fim da História e o Último Homem", obra que se apóia na interpretação de uma passagem de Hegel feita pelo russo Alexandre Kojève e onde Fukuyama pretende fechar os horizontes de muitas ciências humanas, sem aplinar os temerosos desníveis que dividem o mundo em vários mundos. Kojève e Fukuyama adotam posição discordante de Chesterton e Alceu Amoroso Lima. Para estes, o imprevisto é a grande lei da História.

ITAMAR DE SANTIAGO ESPÍNDOLA

A Cadeira 29 da Academia Cearense de Letras teve como primeiro ocupante o Barão de Studart. Em seguida, vem Carlos Studart Filho. O terceiro ocupante foi Itamar de Santiago Espíndola, e por quase uma década. Tomou posse nesta casa a 10 de setembro de 1982. Deve ter vivido, então, um dos momentos supremos da sua sensibilidade, com o tom fraterno do discurso de Artur Eduardo Benevides, o recepcionista.

Itamar de Santiago Espíndola é fortalezense de 14 de setembro de 1917. Deixou-nos a 13 de agosto deste ano. Nesse interregno de 75 anos incompletos, marcou presença nesta casa, na Academia Cearense de Língua Portuguesa, na Academia Cearense de Retórica, no Instituto do Ceará, na advocacia, no jornalismo, na psicologia, na etimologia, nas letras jurídicas, na hagiografia e na pesquisa histórica. No pórtico do seu livro "Três Santos Populares no Ceará", Itamar Espíndola apresenta a sua bibliografia numa relação de 41 títulos.

Em quase todos os seus trabalhos escritos, estão presentes duas linhas de atuação definidoras de buscas quase obsessivas: a etimologia e a decifração dos enigmas do corpo e da alma dos homens.

Em nome da primeira dessas procuras, foi um especialista em antroponímia e toponímia. Com que satisfação explicava a origem e as sutilezas semânticas dos nomes de pessoas e lugares. A amplitude de seus conhecimentos nessas áreas tornou local de freqüência obrigatória para todos nós a sua coluna dominical no jornal "O Povo".

Para ler o livro presente em cada ser humano, invadiu a psicologia, transpôs, insatisfeito, os limites consagrados desta ciência, entrou pela parapsicologia, foi além e restaurou o prestígio arcaico da fisiognomonía. Deve ter desenvolvido uma extraordinária percepção dos traços do rosto humano e, mais especificamente, do olhar. Deixou

escrita esta convicção: “A essência do corpo está no rosto e a essência do rosto mora nos olhos”.

Destas observações da sua obra, ressalta o buscador do entendimento do seu Deus, através do esforço de decifração do mistério dos homens. Porque, para Itamar Espindola, somos, realmente, criados à imagem e semelhança de Deus. Deste modo, ambições metafísicas e teológicas se escondem na intimidade das suas pesquisas etimológicas e fisiognomônicas. Cumpria, assim, com elevação e verdade, o destino de desenvolver a racionalidade humana.

John Maynard Keynes afirmou que o homem pode ser racional. Mas nunca antes de esgotar todas as outras alternativas. Pois Itamar Espindola não estava entre aqueles que maldizem a função de pensar. Seu espírito cristão deve ter sentido uma grande piedade por Augusto dos Anjos, autor desta lamentação:

*Por que Jeová, maior do que Laplace,
Não derribou o túmulo de Plínio
Por sobre todo o meu raciocínio,
Para que eu nunca mais raciocinasse?*

Em nome do pensamento pesquisador, mexeu com assuntos defesos à circunspecção dos espíritos medrosos do patrulhamento científico. Era portador de uma coragem alegre, mansa.

E a sua ironia... Lembro-me de suas visitas ao meu posto de assessor na Superintendência Regional da Receita Federal. Sua formação jurídica achava engraçadas as traquinagens da legislação tributária. Ia conversar comigo. Queria saber se, como agente do fisco, eu sabia justificar cabriolas e caretas das leis do Imposto de Renda. Ora, durante décadas, o governo federal alterou a legislação tributária apoiado em razões metajurídicas. Precisava arrecadar mais? Por que atrasar-se em considerações de respeito à ordem jurídica? Itamar ia pagar mais, contudo, antes disso, queria rir do seu ato de pagar mais.

Como cristão, sabia-se comprometido com o essencial. E sustentou uma comovente fidelidade àquele essencial invisível para os olhos, tal como o percebeu a raposinha de Antoine de Saint-Exupéry, no diálogo com o Pequeno Príncipe.

Em artigo recente sobre Severo Gomes, desaparecido ao lado de Ulysses Guimarães no helicóptero que os levou para o fundo das águas de Angra dos Reis, diante da Serra da Bocaina, Antônio Carlos Villaça recorda uma noite nessa serra, em companhia de Carlos

Lacerda e do mesmo Severo Gomes. Já madrugada, este último, num acesso de premonição, dizia que “tudo nos distrai do essencial, os costumes, os compromissos, a aspereza da vida concreta, tudo nos arrasta para longe, como se fôssemos peixes e as correntes nos puxassem”.

Itamar de Santiago Espíndola não foi um desses peixes que as correntes arrastam para longe da consciência do que é essencial no destino dos homens.

A MISSÃO DA ACADEMIA

Pasmei alguns Sócios desta Casa com o meu desconhecimento das práticas acadêmicas. Chego aqui ainda com algum aturdimento pela minha eleição. Trago percepções talvez ortodoxas da missão da Academia. Mas me disponho a conferir o que penso com as lições dos fatos deste meu novo e ilustre convívio. O Estatuto começa falando no cultivo e desenvolvimento da literatura e da produção científica. E me lembro de Henri Bergson. Para este francês, o desenvolvimento tecnológico provocou um desequilíbrio nos homens e o mundo precisa de um suplemento de alma, para que não sejamos destruídos pelos nossos inventos.

A Academia parece obrigada a definir com mais clareza este objetivo, retirando-o de uma implicitude já agora inaceitável, neste tempo de urgências e de ações de evitação do Apocalipse. Um suplemento de alma. É tudo muito difícil. O desalento, esse desespero branco, imobiliza vontades e sugere o isolacionismo. Nossas dores estão analfabetas para as leituras da esperança. É tudo muito difícil. Mas é preciso que, pelas suas idéias, pelos seus sentimentos, pelas suas ações, cada um de nós possa dizer, com o Padre Marcel-Marie Desmarais, “o mundo é melhor e mais belo porque eu vivo”.

Um suplemento de alma.

É tudo muito difícil. Mas, pela fé, pelo amor e pela ação, seremos dignos da superação dos desafios deste final de milênio. Os pés dos homens são frágeis. Mas a teimosia de seus passos acaba alisando as pedras da rua.